

Couto empossa novo presidente da Funai



Ronaldo Costa Couto presidiu a solenidade de posse

Quem é o sertanista José Apoena Meirelles

Nascido há 36 anos numa aldeia xavante em Pimentel Barbosa, no Mato Grosso, filho do legendário sertanista Francisco Meirelles, dezessete anos após ter feito seu primeiro contato com uma tribo arredia, os índios Cinta-Larga de Rondônia, estado onde passou parte de sua vida trabalhando com os índios Cinta-Larga e Surui, grupos pelos quais ele nunca escondeu a sua preferência. Criticado por algumas correntes do indigenismo e ultrapassado e também por ter mudado diversas vezes das áreas onde atuava, em função de seu temperamento inquieto, Apoena assume um órgão que ele afirma ser hoje inviável, enquanto não sofrer um processo de descentralização.

Em 1972, durante o Governo Médici, Apoena, com seus relatórios contundentes, dirigidos ao temido presidente da Fundação na época, general Bandeira de Mello, iniciava junto com outros sertanistas uma resistência contra a política de integração da Amazônia, que atingia as aldeias com a abertura de rodovias na mata. Em 1972, ele dizia, num de seus relatórios sobre o seu trabalho no parque indígena do Aripuanã, em Rondônia: "até há algum tempo atrás o trabalho no parque estava tranquilo, a pacificação dos índios seguindo seu curso normal. Depois as terras dos nossos índios foram invadidas, eles passaram pelo sarampo trazido pelos colonos, e eu não sei se passarão pela gripe, tuberculose e catapora. Enfim, em menos de quatro anos de trabalho de atração, as terras já começaram a ser devastadas e as epidemias deixaram as suas marcas".

Nessa ocasião, ele foi afastado do cargo pelo general Bandeira de Mello, deslocado para a frente de atração de Itaituba, no Amazonas, e em seguida foi dar apoio ao trabalho de atração dos índios Krenhacore, na Rodovia Cuiabá-Santarém, que vinha sendo conduzido pelos irmãos Claudio e Orlando Villas Boas. O contato de Apoena com os Villas Boas é antigo, mas algumas divergências dividiam os Villas Boas e os Meirelles. O velho Chico Meirelles defendia o trabalho de preparo do índio para o inevitável contato com a sociedade envolvente, enquanto os Villas Boas achavam que os índios deviam ser preservados ao máximo desse confronto de civilizações, que deixaria o índio em condições de inferioridade.

Após trabalhar com os Villas Boas, o sertanista Apoena passou por várias outras experiências de contato, com os índios Zoro e Uru-Eu-Uau-Uau de Rondônia e Ava-Canoeiros, em Goiás. Trabalhou também nas áreas dos índios Waimiri-Atroari em Rondônia, responsáveis por dezenas de massacres antes e durante a construção da rodovia que ligou Manaus a Boa Vista. Voltou a entrar em atrito com a direção da Funai durante a administração do coronel Nobrega Veiga, no governo passado, retornando à Funai a convite do presidente Otávio Ferreira Lima. Ainda durante o governo Figueiredo, quando a Funai chegou a ter seis presidentes, Apoena foi atropelado pelas correntes que divergiam de sua linha de trabalho e que assumiram a direção do órgão, junto com Jurandy Marcos da Fonseca, que prometeu "limpar" a Funai, acabando com a

época dos generais e coronéis que comandaram a política indigenista, desde a criação da Fundação.

Apoena não esconde o seu ressentimento contra estes indigenistas. Ele compara as divergências que ocorrem hoje no indigenismo à situação vivida pelas esquerdas no País. "Nos dois movimentos — assinala — não se chega nunca a uma unidade, a uma composição. "Para ele, o indigenismo romântico dos anos setenta, que era a tônica de seus relatórios dirigidos à Funai, chegou ao fim, assim como o trabalho do sertanista, que aos poucos deverá se conformar com uma função burocrática e ser substituído pelos índios, que, segundo ele, em breve, não mais precisarão de porta-vozes, como sertanistas, antropólogos e indigenistas. "O índio — observa o sertanista — já está falando por si, e se prepara para não mais aceitar a tutela do Estado".

Algumas frases do novo presidente da Funai sobre índios e indigenistas:

— "Acho que durante o tempo duro de repressão, em que não havia liberdade de Imprensa, o índio funcionou como válvula de escape para indigenistas e para a Imprensa que estava impedida de publicar quase tudo o que se passava no País". (1985).

— "Possidônio Bastos acreditava no seu trabalho, amava os índios e quando foi atacado pelos índios Cinta Larga dormia desarmado. A morte desse companheiro, no entanto, não serviu para que fossem tomadas medidas para deter o processo crescente de invasão do parque, o que coloca em risco a vida dos homens de mata que trabalham comigo". (1971).

— "Para mim Jurandy Marcos da Fonseca, ex-presidente da Funai, foi o maior blefe da história do indigenismo e, no entanto, contou até com o apoio da Imprensa. Ele nunca me enganou e os fatos posteriores comprovaram isto. Ele e seus assessores tentaram resolver os problemas da Funai a seu modo. Agora é a vez da administração Alvaro Villas Boas". (1985).

"A grande arma da democracia é o diálogo, o entendimento, inclusive com as minorias. A truculência não é a arma da democracia, e sim sua inimiga", afirmou ontem o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, em seu discurso durante a cerimônia de posse do novo presidente da Funai, Apoena Meirelles. Numa clara resposta ao ex-presidente da Funai, Alvaro Villas Boas, o ministro defendeu que "um governo para ser forte não tem que exercer o autoritarismo, mas sim a autoridade".

Já o novo presidente da Funai afirmou que aceitou o cargo "porque não podia deixar de correr o risco de tentar resolver o problema da Funai", caso contrário estaria sendo omissivo. Ao ser perguntado sobre a readmissão dos funcionários que foram afastados por Villas Boas, Apoena afirmou que vai examinar cada caso, mas se considera no direito "de trabalhar com quem bem entender".

Numa cerimônia concorrida, que contou com a presença de cerca de 100 índios, Apoena afirmou que esta será, talvez, a missão mais difícil que vai enfrentar e que mudar a Funai só será possível através de uma ampla reestruturação que possibilite maior funcionalidade. Os índios, muitos deles portando cocares e gravadores para acompanhar a cerimônia, pareciam satisfeitos com a indicação de Apoena, entre eles o cacique Aniceto, da tribo Xavante. "Apoena - disse ele - nasceu numa tribo de índios. Agora vamos ver como ele vai trabalhar na Funai e quem ele vai nomear para os cargos".

Em seu discurso, cheio de recados dirigidos à Alvaro Villas Boas, o ministro Costa Couto disse que as pessoas costumam culpar os índios por estarem em Brasília em grande número. "Mas devo aqui resgatar a verdade - disse ele. Grande parte dos índios que permanecerem em Brasília, ontem, estão em busca de soluções de problemas legítimos que não conseguem resolver nas delegacias".

A mesma posição foi defendida por Apoena Meirelles, após a cerimônia de posse. Ele afirmou que não pretende forçar os índios a deixar Brasília e que isso ocorrerá normalmente com o processo de descentralização da Funai que ele pretende implementar. Afirmou ainda que não se deu prazo para que os problemas da Fundação sejam resolvidos. "Na Funai - explicou - são as contingências que determinam este prazo e a permanência dos dirigentes em seus cargos". Ele explicou que a questão do índio, no Brasil, do ponto de vista jurídico já está resolvido, pois existe a lei 2001, o estatuto do índio, mas não está equacionado no aspecto administrativo".

Villas Boas diz que não se demitiu

Afirmando que não pediu demissão da Funai, e sim foi demitido pelo presidente José Sarney, fato que foi comunicado pelo ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, de forma "desselegante" pelo telefone, o ex-presidente da Funai, Alvaro Villas Boas, reuniu a Imprensa ontem pela manhã para falar sobre o seu afastamento. "A Funai é um retrato em miniatura do Brasil - afirmou - é o próprio caos. A irresponsabilidade que caracteriza o governo brasileiro se reflete na Funai. Estamos na pré-história em matéria de responsabilidade de Governo. "Sobre a indicação do atual superintendente da Funai, Apoena Meirelles, para substituí-lo, Villas Boas afirmou que, embora seja amigo do sertanista, ele não conseguirá resolver o problema da fundação, que é de ordem estrutural.

"O Governo não tem condições, não tem capacidade para resolver a questão do índio - disse ele - e, além do mais, não há uma intenção política de se mudar a Funai". Magoadado com Costa Couto, ele afirmou que o ministro "quis usar o nome dos Villas Boas para fins políticos", acrescentando que não está revoltado, mas sim decepcionado com o País, "onde ninguém assume nada".

"O ministro Costa Couto não entende nada de índio - salientou - e não dá apoio a quem pode fazer alguma coisa". Ele criticou a falta de apoio de outros ministros para a causa indígena, citando, particularmente, o ministro da Justiça, Fernando Lyra, que não mobilizou a Polícia Federal para conter as invasões das delegacias da Funai em Salvador e em Londrina. "Aos poucos, a ordem estará tão subvertida - advertiu - que chegaremos a uma situação de caos total na Funai. O ministro do Interior quer tratar o problema do índio da mesma forma conciliatória pregada pelo presidente Tancredo Neves. Mas ele não faz idéia de como são as pessoas que eu demiti da Funai e que, agora, jogaram o índio contra mim. São pessoas desclassificadas, que fazem do índio um instrumento para ganhar dinheiro".